

**DOIS DE  
JULHO**

# A BAHIA LIBERTOU O BRASIL

Confira 20 curiosidades para entender a importância das comemorações do 2 de Julho

**Miro Palma**

REPORTAGEM

miro.palma@redabahia.com.br

O 2 de Julho é mais do que um feriado na Bahia. A data celebra a expulsão definitiva das tropas portuguesas de Salvador, em 1823, episódio que consolidou a Independência do Brasil iniciada no ano anterior. Ao longo de mais de dois séculos, a celebração se transformou em um dos maiores símbolos da identidade baiana, reunindo

personagens históricos, tradições populares, manifestações culturais e um cortejo que atravessa inúmeras gerações.

Das batalhas travadas no Recôncavo à chegada do Exército Libertador a Salvador, a festa guarda histórias de coragem, resistência e participação popular.

Para marcar a data especial, reunimos 20 curiosidades que ajudam a entender por que o 2 de Julho ocupa um lugar único na história do país e principalmente no coração dos baianos.

## NÃO É “SÓ” UMA FESTA BAIANA

● O 2 de Julho celebra a vitória das forças brasileiras sobre as tropas portuguesas em Salvador, em 1823. Na prática, é a data que marca a consolidação da Independência do Brasil na Bahia, quase dez meses depois do famoso 7 de Setembro.

Por isso, para os baianos, a comemoração tem peso de feriado, desfile, memória e orgulho. É o dia em que a Bahia lembra que a independência também foi feita com guerra, resistência e participação popular.



MARINA SILVA / ARQUIVO CORREIO

Cabocla e Caboclo são os principais símbolos e representam o povo

## CABOCLO E A CABOCLO SÃO OS GRANDES PERSONAGENS

● O Caboclo e a Cabocla são os símbolos mais conhecidos do 2 de Julho. Eles aparecem como figuras indígenas guerreiras, conduzidos em carros emblemáticos, e representando o povo que participou da luta pela independência.

A escolha é poderosa porque tira o foco de generais, imperadores e autoridades. No 2 de Julho, o centro da festa é uma imagem popular, ligada aos anônimos que ajudaram a expulsar as tropas portuguesas.



ACERVO DA FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS

Os primeiros desfiles saíram do Terreiro de Jesus até a Casa da Moeda, na esquina da Rua da Misericórdia

## COMEMORAÇÕES COMEÇARAM CEDO

● A primeira celebração do 2 de Julho aconteceu em 1824, apenas um ano depois da vitória. Ou seja: a Bahia começou a transformar a memória da guerra em festa quase imediatamente.

Desde então, o cortejo atravessou gerações. Mudou de formato, ganhou novos símbolos, passou por adaptações, mas manteve a ideia principal: levar para as ruas a lembrança da entrada vitoriosa das tropas libertadoras em Salvador.

## DESFILE REFAZ UM CAMINHO HISTÓRICO

● O cortejo sai das ruas da Lapinha e segue em direção ao Campo Grande, passando por locais simbólicos da capital baiana. O trajeto, vale lembrar, remete à entrada do Exército Libertador na cidade, em 1823.

Na prática, a cidade vira um grande mapa da memória. Quem acompanha o desfile não está apenas vendo uma parada cívica, mas repetindo, ano após ano, um caminho ligado à história da independência.

## LAPINHA É O PONTO DE PARTIDA DA EMOÇÃO

● A festa começa na Lapinha porque é ali que ficam guardados os carros do Caboclo e da Cabocla, no Pavilhão 2 de Julho. É de lá que os símbolos saem para encontrar o povo nas ruas.

Por isso, a saída do cortejo costuma ser um dos momentos mais aguardados. É difícil achar um espaço pra acompanhar. Antes mesmo de o desfile ganhar o Centro, a Lapinha já está tomada por fanfarras, autoridades, moradores, curiosos e gente que acompanha a tradição há décadas.

## CAMPO GRANDE NEM SEMPRE FOI O DESTINO FINAL

● Hoje parece natural que o cortejo chegue ao Campo Grande, mas o percurso nem sempre teve esse formato. A extensão até o Largo Dois de Julho, nome oficial da praça, passou a acontecer no fim do século XIX.

A mudança fortaleceu ainda mais o simbolismo da festa. O Campo Grande abriga o Monumento ao 2 de Julho e se tornou um dos principais pontos de encontro entre o desfile, os atos oficiais e a celebração popular.

Esse ano, a tradicional volta para a Lapinha foi antecipada para sábado (4). O motivo? O jogo da Seleção Brasileira contra a Noruega, domingo, pelas oitavas de final da Copa do Mundo.

## LUTA NÃO TERMINOU NO GRITO DO IPIRANGA

● Quando Dom Pedro proclamou a Independência, em 1822, a Bahia ainda vivia um conflito armado. As tropas portuguesas permaneceram em Salvador, e a separação só se consolidou por aqui depois de meses de combate.

A vitória veio em 2 de julho de 1823, com a entrada do Exército Libertador na capital. É por isso que a data tem um sentido tão forte: ela lembra que a independência brasileira não aconteceu de uma vez só, nem em um único lugar. Muitos no restante do país ainda não conhecem o significado.

## MULHERES TIVERAM PAPEL FUNDAMENTAL

● O período da incorporação da Cabocla ao cortejo não é um consenso. A versão mais popular é de que a representação da indígena guerreira chegou depois do Caboclo. Mas a pesquisa de Hendrik Kraay, professor da Universidade de Toronto e especialista no 2 de Julho, revelou documentos que apontam que o primeiro símbolo indígena do desfile foi uma 'cabocla'. Independente da ordem da chegada, sua presença ampliou a força simbólica da festa ao dialogar também com a memória feminina da independência.

## HINO VIROU UMA ESPÉCIE DE SENHA

● Poucas músicas cívicas mexem tanto com um povo quanto o Hino ao 2 de Julho. Basta começar "Nasce o sol a 2 de Julho" para muita gente completar. A canção resume o espírito da festa: liberdade, orgulho e resistência. Mais do que trilha sonora, o hino virou uma senha afetiva. Quem é da Bahia entende o peso daqueles versos quando eles ecoam no cortejo.

## CARROS NÃO SÃO SIMPLES ALEGORIAS

● Os carros do Caboclo e da Cabocla são chamados de carros emblemáticos por um motivo. Eles carregam os símbolos mais fortes da festa e ajudam a transformar a memória histórica em imagem.

Para muita gente, vê-los passar é o ponto alto do desfile. Há quem aplauda, quem chore, quem faça pedido, quem fotografe e quem simplesmente acompanhe em silêncio. O 2 de Julho também se mede por esse vínculo afetivo com os Caboclos.

## FOGO SIMBÓLICO FAZ O ANÚNCIO

● Antes do cortejo principal, o Fogo Simbólico percorre cidades ligadas às lutas pela independência e chega a Salvador na véspera da festa. A chama funciona como uma espécie de aviso: o 2 de Julho está chegando.

Essa tradição conecta a capital ao Recôncavo e a outros territórios que participaram da resistência. É uma forma de lembrar que a vitória de 1823 não nasceu apenas em Salvador, mas de uma mobilização muito mais ampla.

## RECÔNCAVO É PARTE CENTRAL DESSA HISTÓRIA

● Não dá para entender o 2 de Julho olhando só para Salvador. Cidades do Recôncavo tiveram papel decisivo nas lutas pela independência e seguem presentes na memória da festa.

Cachoeira, São Félix, Santo Amaro, Itaparica e outras localidades aparecem como lugares fundamentais nessa narrativa. A festa da capital é a mais conhecida, mas a independência na Bahia teve muitos cenários.

DOUGLAS AMARAL/ASCOM SEC



Em Cachoeira, comemorações começam antes mesmo da data

## NÃO TERMINA NO DIA 2

● Depois do desfile principal, os Caboclos permanecem por alguns dias no Campo Grande. O encerramento simbólico acontece com a tradicional Volta da Cabocla, quando os carros retornam para a Lapinha.

Esse cortejo de volta costuma ser mais curto, mas não menos querido. Para muitos baianos, é o momento de fechar o ciclo da festa, como se os símbolos da independência voltassem para casa depois de cumprirem sua missão anual.

## PATRIMÔNIO CULTURAL DA BAHIA

● O Cortejo Cívico do 2 de Julho foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Bahia. O título reforça aquilo que o povo já sabia há muito tempo: a celebração é uma das manifestações mais importantes da identidade baiana e um símbolo da memória coletiva do estado.

O reconhecimento considera não apenas o desfile, mas todo o conjunto de práticas que o cerca durante a celebração: os símbolos, o percurso, os carros do Caboclo e da Cabocla, as músicas, as homenagens cívicas, as manifestações culturais e a intensa participação popular. É uma tradição que ganha cada vez mais reconhecimento também em outros estados do Brasil e é renovada a cada ano por milhares de baianos, que mantêm viva a história da Independência e a transmitem de geração em geração.

## O POVO VISITA OS CABOCLOS NO CAMPO GRANDE

● Entre a chegada ao Campo Grande e o retorno à Lapinha, os carros ficam expostos para visitação. É nesse período que muita gente se aproxima com mais calma dos símbolos da festa.

Ali, o 2 de Julho ganha um tom ainda mais íntimo. As pessoas tiram fotos, deixam flores, fazem pedidos, agradecem graças e repetem gestos que passam de geração em geração.

## TEM FÉ NO MEIO DO CIVISMO

● O 2 de Julho é uma festa cívica, mas não cabe apenas nessa definição. Para parte do público, o Caboclo e a Cabocla também têm uma dimensão de devoção, proteção e afeto.

Por isso, a relação com as imagens vai além da história ensinada nos livros. A festa mistura bandeiras, hinos, bandas de fanfarras, flores, promessas e emoção. É justamente essa mistura que faz o cortejo ser tão diferente de outras comemorações oficiais.

## FANFARRAS DÃO O SOM DA INDEPENDÊNCIA

● O 2 de Julho tem cerimônias oficiais, hasteamento de bandeiras e homenagens formais. Mas quem já viu o cortejo sabe que boa parte da alma da festa vem das fanfarras, filarmônicas e grupos culturais.

A música acompanha o percurso, anima a multidão e ajuda a transformar o desfile em celebração popular. Sem esse som, o 2 de Julho perderia parte da energia que faz a data ocupar as ruas de Salvador.

## FACHADAS TAMBÉM ENTRAM NO CLIMA

● O 2 de Julho celebra a vitória das forças brasileiras sobre as tropas portuguesas em Salvador, em 1823. Na prática, é a data que marca a consolidação da Independência do Brasil na Bahia, quase dez meses depois do famoso 7 de Setembro.

Por isso, para os baianos, a comemoração tem peso de feriado, desfile, memória e orgulho. É o dia em que a Bahia lembra que a independência também foi feita com guerra, resistência e participação popular.

## SÍMBOLOS DA RESISTÊNCIA

● Maria Quitéria, Maria Felipa e Joana Angélica estão entre os nomes mais lembrados quando se fala na Independência do Brasil na Bahia. Cada uma, a seu modo, representa uma dimensão da resistência contra o domínio português.

Quitéria ficou conhecida pela atuação militar; Maria Felipa, pela mobilização popular em Itaparica; Joana Angélica, pelo martírio no Convento da Lapa. Juntas, elas ajudam a mostrar que a guerra na Bahia também teve rosto feminino.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA



Maria Felipa, Maria Quitéria e Joana Angélica: heroínas do 2 de Julho

## CORTEJO É ESPAÇO DE POLÍTICA

● O 2 de Julho sempre foi mais do que um desfile bonito. Ao longo da história, a rua virou espaço de homenagem, protesto, disputa de memória e cobrança às autoridades.

É comum ver políticos no cortejo, mas também é comum ver o povo usando a festa para se manifestar. Essa tensão faz parte da tradição. O 2 de Julho é oficial, mas nunca deixou de ser popular.